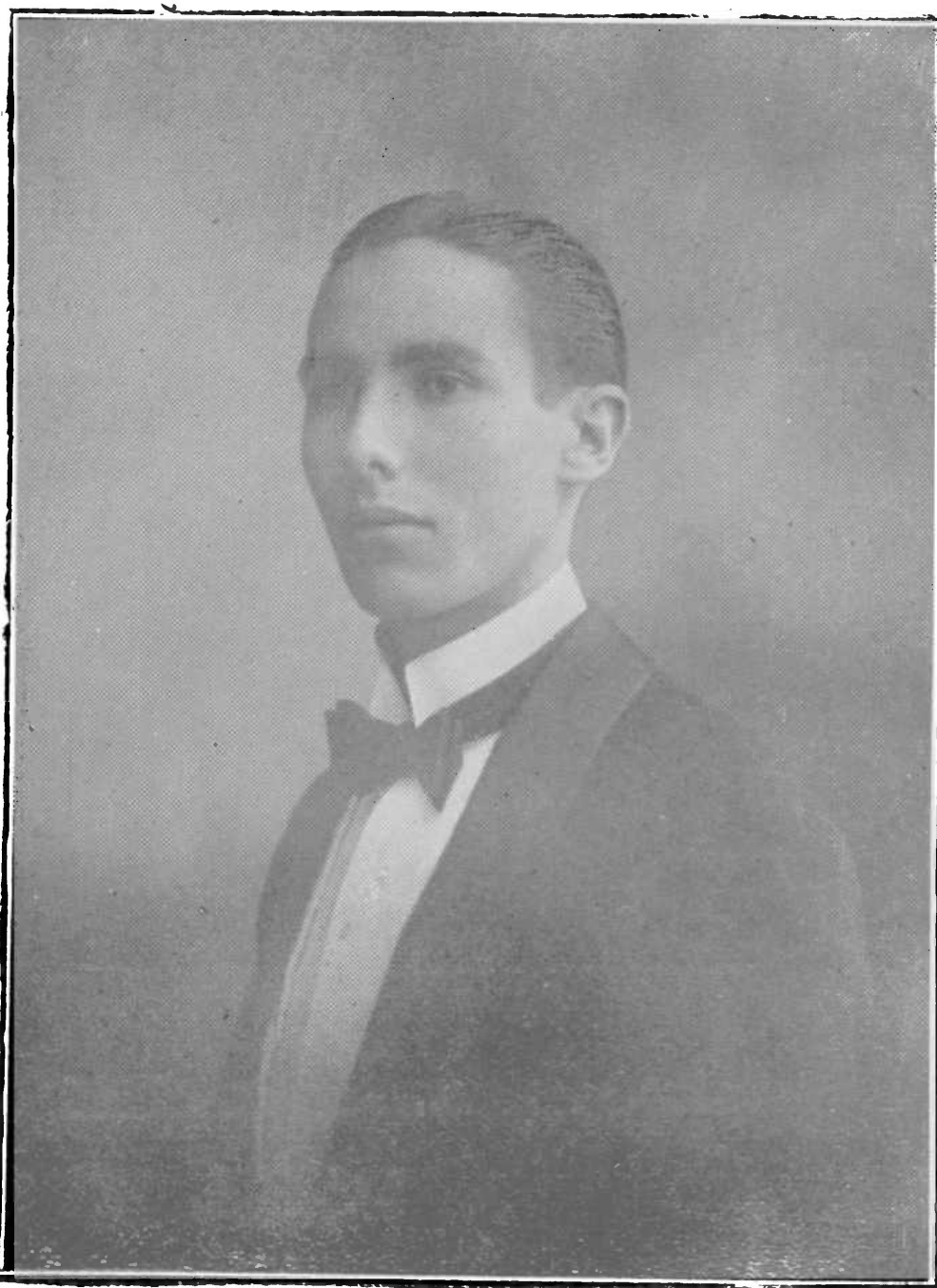


SAUDADES



Evaristo de Oliveira Abrantes

Quart'annista da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo

Fallecido aos 14 de Fevereiro de 1920.



EVARISTO DE OLIVEIRA ABRANTES

Pelo quart'annista *Felicio Cintra do Prado*

Ainda ha pouco, em ferias, quando saciados de descanso sentiamos já saudades dos companheiros e do nosso alegre convivio, cada um de nós, no recanto em que procurara o socego, teve uma dolorosa surpresa ao saber morto o nosso inesquecivel Evaristo.

Surpresa e dor!

Surpresa — pois nenhum de nós imaginára a insidiosa molestia roubando-nos um companheiro e dentre tantos aquelle que se destacava dos mais pelo viço de sua exuberante saude; dor — porque Evaristo era um bom. Intelligencia de luz, coração feito de bondade, alma abrigo de nobilissimos sentimentos, o nosso desditoso irmão de luctas era relevo da turma, que nelle via o exemplo dos collegas e o modelo dos amigos.

De facto: tanta sympathia irradiava de sua palavra franca e tão lhano era o trato dispensado aos que o cercavam, que, sem contestação, de Evaristo se pôde dizer — tinha verdadeiramente o condão de encantar.

Com merecimento, pois, tão grande á estima que lhe não faltava e que era bem um premio e um estímulo á correcção de sua vida, sobrava razão para a sua morte ser considerada uma perda, e ensombrar de tristeza aquelles em cujo meio se entregava aos arduos trabalhos da carreira medica.

E tal aconteceu.

Não houve quem deixasse de sentir o pesado golpe: a morte roubava-o aos seus companheiros de jornada quando vencida já estava metade do caminho, e justamente naquella idade em que o coração se enfeita das mais aurifulgentes esperanças e abre janellas largas para o sonho...

Com tantas qualidades Evaristo se fadára a uma vida feliz. Elle o sabia, presentira mesmo no florido noivado cheio de promessas e transbordante de venturas.

Se tudo até então lhe sorrisse, porque não ser optimista para o presente e perdulario de esperanças para o futuro?

Desta certeza de vencer lhe nasceu uma grande resignação — fortaleza admiravel — em todos os pezares que, nas variações de que se tece a vida, succedem sempre ás alegrias.

Assim, quando a doença fatal o acommetteu, conformou-se com a sorte, percebendo que pisava então abrolhos e lhe faltavam petalas frescas amaciando a aspereza do caminho.

Emtanto esperava sarar, contava com melhores dias, e não disse uma queixa, não chorou uma lagrima porque julgava que para uma vida futura que tão linda se mostrara, melhor fôra soffrer para melhor merece-la.

Foi por isto que não quiz morrer.

E foi por isto que o seu coração bateu cheio de ancias até o último momento, como pancadas fortes que se dão á porta de um thesouro fechado.

Mas o thesouro não se abriu: Evaristo morreu... Morreu levando para a sepultura o immenso pezar de ter attingido a Felicidade, sem tocar-lhe a fimbria do manto divinamente bello.

Destino triste que nos faz lembrar uma lenda do paiz oriental, cheio de crenças e de mysterios. Conta-nos essa lenda que as almas dos que morrem vão confiar ao seio fecundo da Mãe Terra a impressão mais forte que levam desta vida.

Pois bem. A acreditar-se na phantasia ataviada, ha de se concordar: Evaristo levou para o tumulo — onde morre a esperança e acha cura todo humano soffrimento — o grande amor que votou á Familia e aos seus, e principalmente a historia curta e suave do seu noivado em flor.

Desventurado amigo! Que tristeza causou a tua morte!... Confiada á rijeza do bronze, desafiando o tempo e o esquecimento, que grande saudade viverá eternamente naquella placa que mãos piedosas de amigos collocaram á porta de tua ultima morada!...

20 de Maio, 1920.

